

MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO CAMPONÊS: INSTRUMENTOS DE CONTROLE DO CAPITAL – MESORREGIÃO OESTE DO PARANÁ¹

MONOPOLIZACIÓN DEL TERRITORIO CAMPESINO: INSTRUMENTOS PARA EL CONTROL DEL CAPITAL – MESORREGIÓN OESTE DEL PARANÁ

Edson Luiz Zanchetti DA LUZ²
Djoni ROOS³

Resumo: O presente trabalho trata da permanência da classe camponesa frente ao desenvolvimento do capitalismo no campo. Com base na perspectiva teórica do paradigma da questão agrária, o enfoque de nossa análise é a interação dos agricultores com as cooperativas avícolas na mesorregião Oeste do Paraná. Buscando compreender de que maneira o capital monopolizou o território e dominou o circuito produtivo, no entanto, sem desterritorializar a totalidade da classe camponesa. Entendemos que a subordinação da classe camponesa, resulta de uma construção ideológica que contribuiu para o controle e desenvolvimento capitalista sobre o campo. O controle do território é parte central do trabalho, assim identificamos e investigamos alguns dos mecanismos utilizados pelas cooperativas da mesorregião Oeste paranaense para a manutenção deste domínio territorial, que buscam ocultar o conflito de classes e as disputas territoriais e que conduziram os camponeses deste espaço ao sistema de integração avícola contribuindo para a expansão do capitalismo sobre o campo.

Palavras-chave: Campesinato; Capitalismo; Ideologia; Avicultura; Produção integrada.

Resumen: El presente trabajo trata sobre la permanencia de la clase campesina frente al desarrollo del capitalismo en el campo. Teniendo como perspectiva teórica el paradigma de la cuestión agraria, nuestro objeto de estudio es la relación entre los avicultores y las cooperativas avícolas en la mesorregión Oeste de Paraná. Buscando comprender cómo el capital monopolizó el territorio y dominó el circuito productivo, sin embargo, sin desterritorializar a toda la clase campesina. Entendemos que la subordinación de la clase campesina resulta de una construcción política e ideológica que contribuido al control y desarrollo capitalista sobre el campo. El control del territorio es parte central del trabajo, por lo que identificamos e investigamos algunos de los mecanismos utilizados por las cooperativas de la mesorregión Oeste de Paraná para mantener este dominio territorial, que buscan ocultar el conflicto de clases y las disputas territoriales y que llevaron a los campesinos en la mesorregión occidental desde Paraná hasta el sistema de integración avícola contribuyendo a la expansión del capitalismo sobre el campo.

Palabras Clave: Campesinado; Capitalismo; Ideología; Avicultura; Producción integrada.

Introdução

O presente trabalho investiga a produção de frangos de corte, que é realizada majoritariamente por camponeses avicultores através do sistema de integração com as

¹ Este artigo é resultado da dissertação defendida no ano de 2023 junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

² Mestre em Geografia - PPGGeo – UNIOESTE – Marechal Cândido Rondon - PR

³ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP). Atualmente é professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

cooperativas da mesorregião Oeste do Paraná. Desta relação entre o campesinato e o capital industrial, temos a combinação de tempos distintos em condições desiguais, e através deste exemplo buscamos demonstrar como se dá o desenvolvimento capitalista no campo brasileiro, onde contraditoriamente a reprodução capitalista se assenta sobre relações não-capitalistas de produção.

Compreende-se que o capital, ao se expandir sobre o campo, pode se territorializar ou monopolizar o território (OLIVEIRA, 2007). Parte-se do pressuposto de que esse segundo processo ocorreu de modo significativo em nosso espaço de estudo onde o capital dominou o circuito produtivo, no entanto, sem desterritorializar a totalidade da classe camponesa, mantendo-a subordinada ao capital industrial.

Considerando que a subordinação e a desmobilização da classe camponesa, assim como a tentativa de invisibilização desse sujeito social, são frutos de uma construção política e ideológica que contribuem para o controle e desenvolvimento capitalista sobre o campo, torna-se central para este trabalho compreender quais são os instrumentos de dominação e de controle que buscam ocultar o conflito de classes e as disputas territoriais presentes na mesorregião Oeste do Paraná e que contribuem para a expansão do capitalismo sobre o campo.

Adotou-se como procedimento metodológico o levantamento bibliográfico, documental e pesquisa de campo. A coleta de dados junto a entidades e organizações, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto Água e Terra do Paraná (IAT) que subsidiaram as informações gerais sobre a área de estudo. Outros dados foram obtidos junto às cooperativas Copagril de Marechal Cândido Rondon, LAR de Medianeira, C-Vale de Palotina, Primato de Toledo e Coopavel de Cascavel todas da mesorregião Oeste do Paraná, não obtendo retorno positivo da cooperativa Copacol de Cafelândia, PR e da empresa BRF de Toledo, PR.

Sendo que a fonte fundamental de informações foram o trabalho de campo e as entrevistas a camponeses vinculados a avicultura. Para tanto concentramos nossa amostra de pesquisa nos avicultores que dispunham de aviários enquadrados pelo IAT como estabelecimentos de porte micro e mínimo. As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2021 e 2022, ao todo, entrevistamos onze famílias camponesas, das quais, nove foram realizadas no município de Marechal Cândido Rondon/PR, duas famílias em Matelândia/PR e uma em São Miguel do Iguaçu/PR. Optamos por não citar os nomes dos entrevistados, afim de evitar sansões aos mesmos.

Os instrumentos de dominação e controle do capital

A integração entre os camponeses com as empresas processadoras de frango foi implementada na esteira da “modernização” da agricultura, modernização anunciada como a resolução para problemas como a fome nas cidades e a baixa produtividade no campo. No entanto, tais problemas não foram resolvidos, ao contrário, no campo se favoreceu a concentração fundiária, o aumento das grandes propriedades empurrou cada vez mais as pessoas para as cidades e a classe camponesa seguiu resistindo mesmo desassistida pelo Estado.

Estes sujeitos foram conduzidos ao sistema de integração avícola diante de uma necessidade material e ações determinantes que causaram alterações nas relações e no espaço. Portanto, os atores hegemônicos tiveram de agir também no imaginário social, a partir da produção de um sistema de ideias, apoiadas e apoiando-se em um conjunto de ações materiais, que propagava o discurso da inevitabilidade da agricultura “moderna”, o que colocava o campesinato diante da única escolha que se apresentava: a de buscar se adequar ao modelo da produção agroindustrial.

Discurso este amplamente difundido no senso comum, revela a opção do Estado brasileiro por este modelo de produção agrícola, o que posicionou o país dentro da divisão internacional do trabalho como um produtor de *commodities*, o que é, para além de um projeto econômico, também um projeto político e ideológico. Implantado por meio de ações que se desdobraram no imaginário social, no qual alicerçaram as bases para a conquista do território material.

Conforme aponta Fernandes (2008), o território pode ser caracterizado em duas vertentes: o imaterial e o material. Contudo sempre se apresentam de maneira conjunta, sendo o território imaterial sustentáculo para a conquista e para o controle do material.

Concordando com Fernandes (2008) que a construção e a sustentação do território se dão por meio de uma relação de poder expressa através do conhecimento e de ideologias, é possível entender que a burguesia se mantém hegemônica no controle do território do Oeste paranaense, diante de ações materializadas fisicamente no espaço e sustentadas por um conjunto de ações não palpáveis, ou seja, através da difusão dos valores e da ideologia da classe burguesa.

Como trazido anteriormente os territórios materiais e imateriais são indissociáveis, no entanto podemos compreender que é na dimensão imaterial do espaço que faz morada a ideologia, e uma vez a burguesia tendo a hegemonia desta dimensão passa-se a construção e estabelecimento de práticas e valores alinhados a classe dominante.

É preciso salientar que, apesar de hegemônica, a burguesia não é soberana. O espaço está em constante disputa, no entanto, de modo desigual, em que muitas das ações se dão através de políticas públicas aplicadas pelo Estado, que foi posto a serviço da burguesia. Assim, criam-se instituições, desenvolvem-se mecanismos e se difundem novos valores a partir da utilização de mecanismos materiais e imateriais.

Instrumentos de ação interna

Exemplo destas instituições são os Comitês e Grupos de Cooperados, através dos quais, as cooperativas buscam criar uma identificação comum, demonstrar que possuem os mesmos valores morais que a família camponesa, tentam humanizar a relação empresarial que exercem.

A Associação dos Comitês de Jovens da Copagrill (ACJC), sob a coordenação da Assessoria de Cooperativismo, desenvolve diversos cursos e palestras aos jovens associados, entre outras ações de caráter esportivo e cultural, como a Olimpíada da ACJC e a Maratona Cultural.

As demais cooperativas da mesorregião Oeste também contam com projetos semelhantes, como por exemplo, o Comitê de Jovens da Lar Cooperativa e o Núcleo Jovem da C.Vale. Este projeto da C.Vale traz em seu Regimento Interno (2019) uma relação de objetivos que nos indica a real intencionalidade das ações empreendidas. De maneira geral, os objetivos apresentam-se positivos, buscando um bom convívio como: promover maior integração, participação ativa e difundir valores cooperativistas. Contudo, há também outros objetivos direcionados para a manutenção da hegemonia cultural das cooperativas em relação aos seus cooperados, como: promover a divulgação de novas técnicas, incentivar a participação em cursos e palestras promovidos pela C.Vale, estimular a sucessão familiar e zelar por uma integração saudável do sistema cooperativista, ou seja evitar conflitos.

Além dos grupos de jovens integrados, há também projetos voltados às mulheres, como a Associação dos Comitês Femininos da Copagrill (ACFC), que atua em todos os municípios da área de abrangência da cooperativa, tendo cerca de 500 mulheres participantes. O produto destaque deste grupo é a realização bianual do concurso culinário em que os melhores pratos de cada categoria passam a fazer parte do livro de receitas lançado pela Copagrill.

A Copacol, por sua vez, tem 21 grupos femininos, formados pelas esposas e filhas dos produtores integrados organizados nos diversos municípios da atuação da cooperativa. A C.

Vale também dispõe de um núcleo feminino, a participação neste grupo é condicionada a indicação e aprovação da diretoria e em seu regimento interno, e ainda traz a seguinte condição:

Art. 6º – [...] não criticar o sistema cooperativista, ser considerada de boa índole e gozar de boa imagem perante os associados(as) de sua comunidade. Não macular de forma direta ou indireta a imagem da cooperativa perante os associados ou a sociedade e não ferir o estatuto social (C. VALE - Regimento Interno – Núcleo Feminino, 2015, p. 4-5).

Ou seja, este espaço, assim como os demais anteriormente citados, não busca o desenvolvimento do pensamento crítico, nem mesmo problematizar sobre conflitos e desafios enfrentados diariamente na relação com a cooperativa, sob o risco do desligamento do grupo.

Ser integrante de tal grupo é um símbolo de distinção social na comunidade local, ao mesmo tempo que este espaço também é um modelador de comportamento, visto que a mulher precisa ter “boa imagem” sob o ponto de vista dos demais associados da cooperativa, e o primeiro passo para isso é: “Não criticar o sistema cooperativista”. Temos, dessa maneira, mais um instrumento de controle e formação ideológica que aparece como espaço de desenvolvimento dos valores cooperativistas.

A ação dentro das escolas

Outro programa de fortalecimento dessa ideologia, que é mantido pelas cooperativas estudadas, é o Cooperjovem, articulado nacionalmente pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), sendo desenvolvido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), que é uma das entidades que integra o sistema “S”⁴.

No caso da Copagrill, o Cooperjovem é aplicado desde 2006 nas escolas municipais de Marechal Cândido Rondon, Quatro Pontes, Mercedes, Pato Bragado, Entre Rios do Oeste e Guaíra, todas da mesorregião Oeste do Paraná, abrangendo cerca de 6 mil alunos e 420 professores (COPAGRIL, 2019).

Segundo o informativo da empresa, o objetivo do programa é difundir o cooperativismo e, para isso, buscam a realização de diversas atividades, como cursos, palestras, jogos e dinâmicas, além de distribuição de materiais didáticos, camisetas, entre outros (Figura 1). Uma das ações que ocorrem dentro do programa Cooperjovem é o Prêmio de Redação, que é

⁴ Conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, tais como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Serviço Social do Comércio (Sesc) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar).

destinado aos estudantes do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Esse evento acontece anualmente, e na edição 2019 o tema foi: “Por que o Cooperjovem merece o ‘Oscar’ da educação?”.

O programa foi interrompido em 2020 em virtude da pandemia, mas conforme noticiado no *site* da Prefeitura Municipal de Pato Bragado, o programa agora retorna já alinhado com a Nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Figura 1 - Material didático Cooperjovem/Copagril.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pato Bragado-PR (2022).

Conforme noticiado no *site* da Copagril, antes do início das atividades letivas, os coordenadores pedagógicos das escolas municipais assistem a palestra de “sensibilização da metodologia do Cooperjovem e terão treinamento de como conduzir os trabalhos do Cooperjovem nas escolas” (COPAGRIL, 2016, n. p.). Nota-se que neste processo de formação política e ideológica, além da Copagril passar a ser a referência de cooperativa, impõem-se aos professores a maneira e o conteúdo que será trabalhado sobre o cooperativismo, e estes profissionais de ensino – mesmo que inconscientemente – tornam-se os propagadores das ideias da classe dominante.

Para termos uma dimensão do alcance dos programas de fortalecimento do cooperativismo, somente no ano de 2018⁵, a Copagril realizou 480 reuniões sociais dos

⁵ O programa continua ocorrendo anualmente, e em 2023 mais de 750 crianças das escolas municipais foram levadas até Associação Atlética Cultural Copagril (AACC) para o encerramento das atividades desenvolvidas no ano. Disponível em: <https://www.opresente.com.br/marechal-candido-rondon/mais-de-750-alunos-do-programa-cooperjovem-participam-de-evento-de-encerramento/>.

Comitês Femininos, Comitês Jovens e Cooperjovem, envolvendo a participação de mais de 14 mil pessoas (COPAGRIL, 2018). E nos atendo somente ao Cooperjovem, se multiplicarmos os aproximadamente 6 mil alunos que anualmente participam do programa, durante os 13 anos de sua aplicação nas escolas municipais, veremos que mais de 70 mil pessoas tiveram, na sua formação básica, conteúdos voltados para o cooperativismo vinculados à Copagril.

Já por parte da C.Vale, o lançamento do Cooperjovem 2022 foi no centro de eventos de Palotina-PR (Figura 2) e contou com a presença de duzentos professores, coordenadores e diretores das escolas de oito municípios da região. Como informado no *site* da Cooperativa: “O evento serviu para a apresentação da nova metodologia e do material didático que serão utilizados com os 1.600 estudantes de quartos anos que estarão envolvidos com o programa a partir do mês de abril” (C.Vale, 2022).

Figura 2 – Lançamento programa Cooperjovem na C.Vale.



Fonte: O Presente/C.Vale (2022).

Um importante ponto a ser observado quanto ao Cooperjovem, promovido pela C.Vale, além da informação de que o programa já envolveu mais de 36 mil estudantes em suas 23 edições, é o fato de a edição atual contar com o patrocínio da empresa Adama, que integra o Grupo Syngenta. Essa empresa responde judicialmente a uma ação civil pública pelos danos provocados pela utilização do agrotóxico 2.4-D (MPRS, 2021).

A manchete da reportagem da figura 2 nos mostra que o programa desenvolvido pela cooperativa visa orientar os alunos sobre sustentabilidade, o que nos faz pensar sobre que tipo de sustentabilidade uma empresa fabricante de agrotóxico, comprovadamente danoso para a vida, busca desenvolver. Possivelmente visa garantir, em primeiro lugar, o modelo destrutivo desenvolvido pelo agronegócio, mas sob a roupagem do “novo”.

De modo semelhante com o que ocorre nas demais cooperativas, a figura 3 a seguir, nos mostra uma ação promovida pelo programa Cooperjovem, da cooperativa LAR, no município de Missal/PR, também buscando o envolvimento dos alunos, as famílias e comunidade. Para tanto, promovem palestras e treinamentos para o corpo docente e para a comunidade escolar.

Figura 3 – Crianças participando do “Show de cooperação” promovido pela LAR.



Fonte: LAR (2018).

Pode-se observar que os projetos educacionais desenvolvidos pelas cooperativas dentro das escolas municipais (com início ainda na infância e continuados por meio dos comitês e projetos de fortalecimento do cooperativismo) introduzem aos jovens do campo ideologias voltadas ao (agro)negócio que são ditadas pela lógica do mercado, visando, em primeiro lugar, o negócio através da exploração da agricultura, que além de impossibilitar uma educação integral e libertadora, também oferece uma gradativa perda dos saberes geracionais em detrimento ao conhecimento técnico, que intensifica a subordinação e a dependência destes sujeitos ao capital.

No desenvolvimento desses programas, oculta-se o essencial, que é o processo de formação ideológica que ocorre, ou seja, transformar as ideias da classe dominante para a sociedade como um todo, fazendo com que a aparência social tome lugar da realidade vivida. “Para que isto ocorra é preciso que a classe dominante, além de produzir suas próprias ideias, também possa distribuí-las, o que é feito, por exemplo, através da educação, da religião, dos costumes, dos meios de comunicação disponíveis” (CHAUÍ, 2008, p. 46).

Ainda conforme Chauí (2008), para essa formação ideológica ser efetiva, é preciso que os membros da sociedade percebam que as características comuns a todos sejam mais relevantes do que as diferenças sociais existentes, deixando, dessa forma, de considerar o conflito de classes existente.

É preciso ressaltar que este projeto de formação ideológica que atua na multidimensionalidade do espaço não visa apenas a realização de lucros a curto a prazo, nem somente a difusão e expansão do nome das cooperativas. Tais programas operados pelas cooperativas expressam os valores da classe dominante e objetivam alcançar a subjetividade dos sujeitos presentes neste espaço. Uma vez tendo atingida esta dimensão do espaço, passam a difundir o novo-velho modo de pensar e agir. Tal modo que é caracterizado por uma fachada moderna que esconde um pensamento conservador, de incentivo ao individualismo, a intolerância, que coíbe a organização social.

Evidência de cooptação da subjetividade e alinhamento com o pensamento conservador pode ser verificada em nossa área de estudo, com a votação obtida pelo então presidente da república Jair Bolsonaro, nas eleições de 2018 e 2022. Ainda que tal fato não se explique somente pela escala local, a expressiva votação é vista como uma obediente resposta aos chamamentos realizados pelas cooperativas.

A diversas mostras desses chamamentos realizados, entrevistas concedidas nas rádios locais, outdoors patrocinados pelos Sindicatos Rurais Patronais da região, reuniões internas, exemplo mais evidente disto é a Carta Aberta⁶ escrita pelo presidente da Cooperativa Lar e publicada pelos jornais locais em que, abertamente, pede votos para a reeleição de Jair Bolsonaro. Tais exemplos não foram exclusivos à nossa área de estudo, mas tiveram aqui grande aceitação do projeto defendido, diante da identificação que fora construída ao longo dos anos com ajuda dos programas de formação desenvolvidos.

⁶ A Carta motivou uma ação civil pública movida pelo Ministério Público do Trabalho de Foz do Iguaçu – PR em 2022 e resultou além de uma retratação pública também uma multa de R\$ 500 mil por assédio eleitoral. Disponível em <https://abrir.link/pgzoS> .

A realização dessa formação continuada, por parte das cooperativas, não ocorre de maneira isolada, e muito menos é uma ação pioneira deste empreendimento. Há uma série de outros exemplos de iniciativas “educacionais” por parte de empresas privadas que, utilizando-se das ferramentas estatais, contribuem para perpetuação de não somente um modelo hegemônico de agricultura, mas também um modelo de sociedade.

A nível estadual, podemos citar o Agrinho, iniciativa da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que desde os anos 1995 é desenvolvido dentro das escolas do Paraná⁷, tendo atingido mais de 1,5 milhões de alunos. Na atual conjuntura de crise sanitária e social intensificada pela pandemia do Covid-19, momento da história em que o tecido social se torna fino e transparente, deixando amostra as desigualdades presentes na sociedade, estes programas tornam-se ainda mais vitais para os donos poder.

E ao voltarmos nossos olhos para a edição de 2022 do “Concurso Redação Paraná Nota 10”, é evidente a ênfase no prêmio a ser ofertado, “Agrinho premiará estudantes com *smartphones* (2022)”, diz a manchete publicada na página da Secretaria da Educação e do Esporte do Paraná e replicada por vários jornais do estado. Tal ênfase não é por acaso, diante dos números que a pesquisa realizada em 2020 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), observa-se que a falta de dispositivos, como por exemplo: computadores e celulares, e acesso à internet nos domicílios dos alunos, foram dificuldades relatadas por 88%⁸ dos entrevistados nas escolas do Sul do Brasil.

Longe de resolver essa abissal desigualdade quanto ao uso e acesso às tecnologias de informação, tal “recompensa” pela participação neste concurso reforça as amarras do tecido social fragilizado, pois usa-se desta necessidade real dos estudantes, os *smartphones*, objetos de desejo e ferramenta de afirmação social, para seduzir estudantes e professores a participarem do concurso “Redação Paraná Nota 10 – Agrinho 2022”.

Não é surpresa o tema da redação tratar da “Sustentabilidade Ambiental”, assunto frequente nos discursos empresariais e governamentais da atualidade, que, no entanto, se trata de uma falácia, pois a sustentabilidade em questão é do modo de produção capitalista, e não do ambiente.

⁷ Em novembro de 2023 durante a 20ª Jornada de Agroecologia foi publicizada uma nota de repúdio à cooperação entre a Superintendência do Ministério do Trabalho no Paraná e a FAEP para execução do Programa Agrinho.

⁸ Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/dificuldade-dos-pais-para-apoiar-alunos-e-falta-de-acesso-a-internet-foam-desafios-para-ensino-remoto-aponta-pesquisa-tic-educacao/>. Acesso em janeiro 2023.

Tanto o prêmio ofertado como o tema escolhido mudam conforme a tendência do momento, há uma questão mais profunda e sólida a nos atermos, que é a parceria entre o Sistema FAEP/SENAR-PR e o governo do estado para a efetivação deste programa. Tal parceria entre o estado paranaense e os 173 Sindicatos Rurais Patronais que compõem a FAEP já ocorre há 27 anos, e revela a gravidade desta questão, evidenciando como a classe dominante utiliza-se das ferramentas públicas de ensino para promover e consolidar o modelo de agricultura empresarial.

Alentejano (2021) aponta que parcerias como esta apresentada, fazem parte de um conjunto de ações que compõem a ofensiva do agronegócio sobre a educação, tal ofensiva é expressa para além do grande número de programas e projetos como o Agrinho e também pelo quantitativo de fechamento de escolas no campo.

Estes exemplos trazidos retratam a atuação das empresas e entidades patronais na educação básica, mas há exemplos destas “parcerias”, em que as cooperativas empresariais também atuam no ensino superior, tendo como objetivo a formação de profissionais que atuem em prol do “desenvolvimento e inovação no setor do cooperativismo agroindustrial” (FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA, 2020). Este edital⁹ que discorre sobre o Programa de Pesquisa e Inovação Fundação Araucária & LAR Cooperativa, esclarece que os recursos financeiros serão de duzentos mil reais, sendo metade deste valor custeado pela Cooperativa LAR, e a outra metade pela Fundação Araucária.

Destaca-se aqui o uso de recursos públicos por meio da fundação estadual para desenvolver pesquisas de interesse direto do agronegócio, uma vez que a avaliação de relevância dos projetos será realizada por uma comissão instituída por diretores da LAR Cooperativa.

Chã (2018) enumera outros programas que ocorrem a nível nacional, como o Agronegócio na Escola (Associação Brasileira de Agronegócio), o Projeto AGORA (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), a Comunidade Educativa da BUNGE, o SYNGENTA Escola no campo, o DuPont na Escola e o Escola Germinare do Grupo JBS. Além destes programas, há também o recente movimento “mães do agro” que se propõe a fiscalizar o conteúdo dos materiais didáticos e a atuação dos professores que criticam o agronegócio.

Estes são alguns dos principais projetos desenvolvidos dentro das escolas que contribuem para a difusão do paradigma empresarial na sociedade brasileira. São instrumentos

⁹ Disponível em <https://www.faprr.pr.gov.br/Noticia/Araucaria-e-Lar-Cooperativa-Agroindustrial-lancam-chamada-publica-com-o-recurso-de-R200-mil>. Acesso em 20 ago 2022.

de formação política e ideológica da classe dominante transvestidos de ferramentas educacionais. Tais mecanismos constroem, no território imaterial, no imaginário social, um campo harmônico e homogêneo, escamoteando os conflitos socioambientais e contribuindo para a manutenção do controle do território.

A ação regional por área de atuação

Outro mecanismo de formação ideológica e controle territorial em nossa área de estudo se dá através de programas de rádio, este indicativo torna-se relevante pois vai além de uma publicidade comum, são comunicações com horários predefinidos que ocupam lugar na grade de programação de algumas emissoras da região. Os programas e emissoras e horários identificados estão listados na tabela 1.

Tabela 1 - Programas de rádio das empresas e cooperativas do Oeste paranaense

Rádio	Canal	Empresa/Cooperativa	Município	Horário
Rádio Educadora	Am 630	Copagril	M. C. Rondon	13:00
Rádio Difusora	Am 970	Copagril	M. C. Rondon	12:00
Rádio Tropical	Fm 106,3	Copagril	Quatro Pontes	11:50
Rádio Cristalina	Fm 103.7	Coamo	Nova S. Rosa	12:00
Rádio União	Am 900	Coamo	Toledo	12:00
Rádio Vale Verde	Fm 96.5	Coamo/Copacol	Jesuítas	11:45
Rádio Crystal	Fm 100.1	Copacol	Cafelândia	11:50
Rádio Vale Verde	Fm 96,5	Copacol	Assis C.	11:45
Rádio Amiga	Fm 101.3	Copacol	Formosa do O.	11:50
Rádio Pioneira	Fm 98.9	Copacol	Formosa do O.	11:50
Rádio Club	Am 1570	Copacol	Nova Aurora	11:50
Rádio Pitiguara	Fm 92.1	C. Vale	Assis C.	11:50
Rádio Palotina	Fm 87.9	C. Vale	Palotina	11:50
Rádio Clube	Fm 99.3	C. Vale	Palotina	11:50
Rádio Continental	Am 570	C. Vale	Palotina	11:50
Rádio Cultura	Am 1520	C. Vale	Palotina	11:50
Rádio Terra Brasil	Fm 102.5	C. Vale	Terra Roxa	11:50
Rádio Grande Lago	Am 580	LAR	Santa Helena	12:00
Rádio Terra das Águas	Fm 93.3	LAR	Santa Helena	
Rádio Independência	Fm 92,7	LAR	Medianeira	12:00
Rádio Matelândia	Am 1240	LAR	Matelândia	12:00
Rádio Massa	Fm 97,9	LAR	Céu Azul	12:00
Rádio Jornal	Am 1400	LAR	São M. Iguaçú	12:00
Rádio Costa Oeste	Fm 106.5	LAR	São M. Iguaçú	
Rádio Guaíra	Fm 89,7	LAR	Guaíra	*
Rádio Guaçu	Am 810	*	Toledo	Sáb -11:45
Rádio Integração	Am 1380	Primato	Toledo	*

*Tem patrocínio, mas não tem informativo na grade de programação;

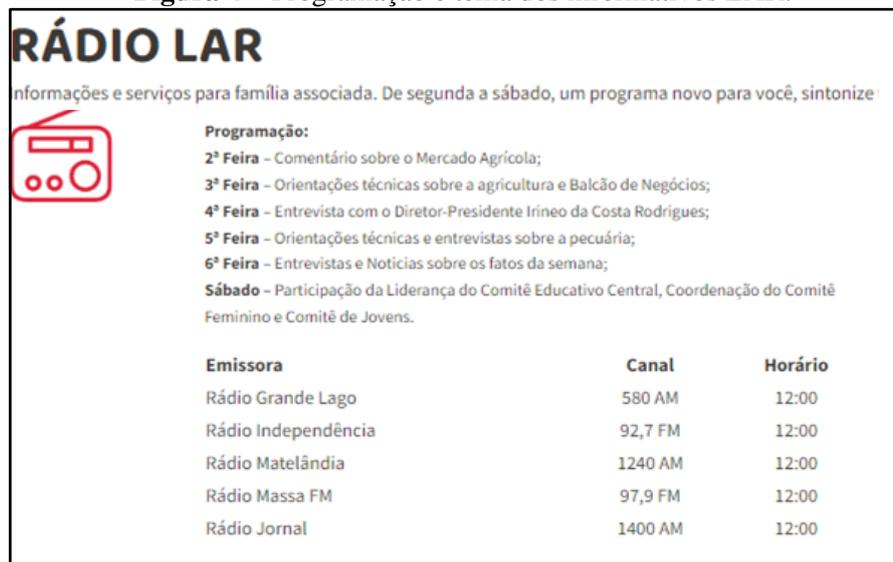
Fonte: Site das empresas e rádios da mesorregião oeste; Anatel – Cadastro de Frequência Modulada, Ondas Curtas, Médias e Tropicais. Org. Luz; E. L. Z. (2022).

Neste processo de verificação da programação, dois pontos chamaram a atenção, o primeiro é de que das rádios pesquisadas, mesmo aquelas que não contam na sua programação com um informativo direcionado a alguma empresa ou cooperativa do Oeste paranaense, tem em sua grade algum programa que faz menção à agricultura ou ao “homem do campo”.

O segundo ponto observado é que em algumas estações, como na Rádio Cristalina, do município de Nova Santa Rosa, também fixam em sua programação o programa “O Homem e a Terra”, produzido pelo Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR) e, conforme aponta o *site* do IDR, é veiculado de segunda à sexta-feira por mais de 114 emissoras do estado do Paraná, estando no ar há mais de 45 anos, desde 10 de maio de 1976.

Nessa consulta pode-se perceber que algumas cooperativas como a Lar, Copagrill e C.Vale, disponibilizam em seus *sites* a programação e os horários que seus informativos são veiculados e em qual emissora a transmissão é feita. No caso da Cooperativa LAR, como vemos na figura 4, é informado ainda, um detalhamento por temas que serão abordados durante toda a semana, além disso, o arquivo do informativo em áudio é disponibilizado no *site* da empresa.

Figura 4 – Programação e tema dos informativos LAR.



RÁDIO LAR
Informações e serviços para família associada. De segunda a sábado, um programa novo para você, sintonize



Programação:
2ª Feira – Comentário sobre o Mercado Agrícola;
3ª Feira – Orientações técnicas sobre a agricultura e Balcão de Negócios;
4ª Feira – Entrevista com o Diretor-Presidente Irineo da Costa Rodrigues;
5ª Feira – Orientações técnicas e entrevistas sobre a pecuária;
6ª Feira – Entrevistas e Notícias sobre os fatos da semana;
Sábado – Participação da Liderança do Comitê Educativo Central, Coordenação do Comitê Feminino e Comitê de Jovens.

Emissora	Canal	Horário
Rádio Grande Lago	580 AM	12:00
Rádio Independência	92,7 FM	12:00
Rádio Matelândia	1240 AM	12:00
Rádio Massa FM	97,9 FM	12:00
Rádio Jornal	1400 AM	12:00

Fonte: LAR (2022).

Como vemos na figura apresentada, que traz o tema dos programas produzidos pela LAR e transmitidos durante a semana, o conteúdo trata de assuntos técnicos e informativos. De maneira direta não aparece uma propaganda da empresa, e sim informações úteis para os associados à Cooperativa, de modo similar, é o que também acontece com os informativos produzidos pelas outras cooperativas da mesorregião Oeste.

O papel que o rádio exerceu enquanto instrumento de formação ideológica na mesorregião Oeste do Paraná, sobretudo em Marechal Cândido Rondon, é trabalhado de maneira mais aprofundada por Schlosser (2001, 2005) que trata da temática da modernização agrícola no Oeste paranaense, e faz a análise do discurso produzido pela Rádio Difusora. Esses trabalhos nos mostram a fundamental importância que o rádio teve para o processo de modernização da agricultura, também evidenciam a maneira como a Cooperativa Copagril torna-se agente local da transformação agrícola, tendo a Rádio Difusora como um instrumento deste processo. Ainda que os estudos elencados aqui limitem-se a relacionar a atuação da Rádio Difusora e a cooperativa Copagril, cabe ressaltar que isso não ocorreu de forma inédita ou isolada.

O rádio consagrou-se como um dos veículos de comunicação mais populares, sobretudo no meio rural, e desde a década de 1950, os empresários já reconheciam o importante papel deste meio de comunicação diante da grande capilaridade com que atingia os mais diversos espaços, fato que motivou a compra da Rádio Rural de Concórdia/SC, em 1956, pelo Grupo Sadia, passando fazer uso deste veículo para comunicar-se com os integrados à empresa (AMADOR, 2010).

No caso da empresa Sadia, antes da aquisição da rádio, ela utilizava outros meios para comunicar-se com os integrados, como jornais e boletins informativos, mas de acordo com Atílio Fontana, os efeitos não eram satisfatórios, porque os agricultores pouco liam e tinham dificuldades de interpretar e assimilar os ensinamentos ali divulgados (FONTANA, 1980). Neste exemplo, diante da atuação enquanto parlamentar e empresário, fica evidente que os efeitos esperados iam além das instruções técnicas ou operacionais.

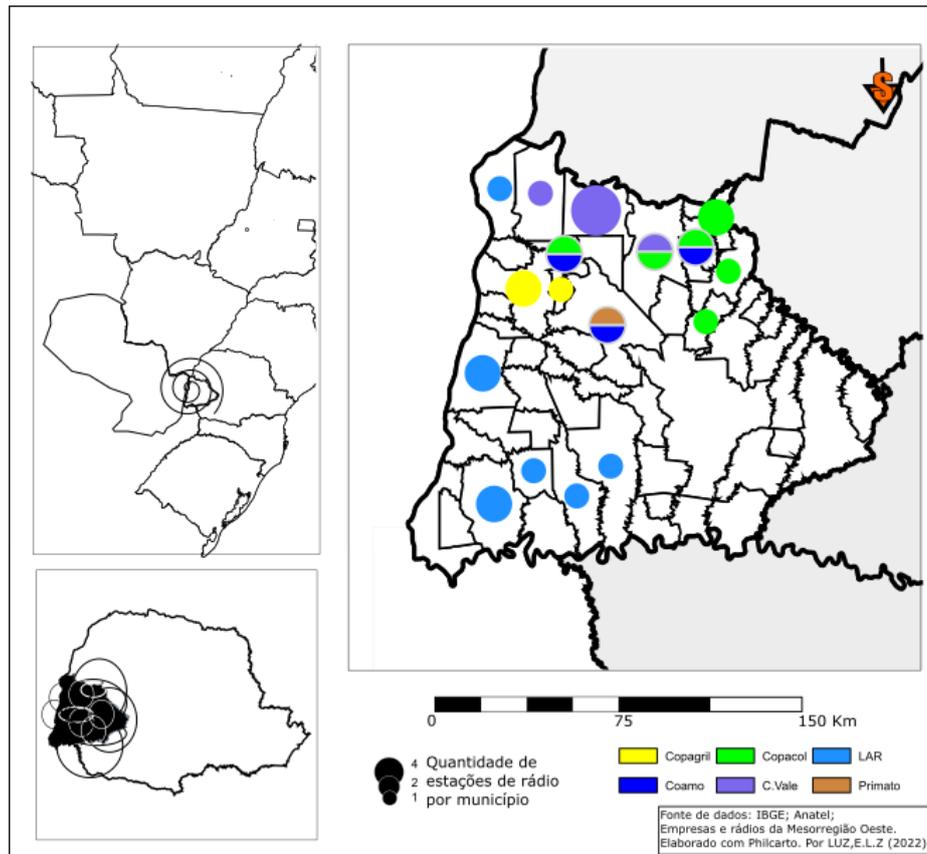
Analisando o momento presente e o contexto local, é perceptível que os interesses corporativos que justificam a veiculação diária de informativos nas respectivas rádios também vão além de informações técnicas, instruções e práticas de manejo direcionadas aos seus associados e integrados, ou seja, o público interno.

Como vimos por meio da tabela 1, este modelo de negócio e estratégia de comunicação é, ainda hoje, utilizado pelas cooperativas da mesorregião Oeste paranaense, e por meio dos dados obtidos, elaboramos o mapa 1, que possibilita uma análise espacial da maneira como o rádio serve de instrumento de dominação e controle do território.

O mapa 1 evidencia a localização das estações das rádios, de onde ocorrem as transmissões dos informativos das cooperativas estudadas, mas como sabemos, as ondas de rádio não se atêm a limites municipais, divisas estaduais ou mesmo a fronteiras nacionais. Deste

modo, na parte esquerda deste mapa buscamos representar a área de estudo no contexto estadual e nacional, sendo possível, assim, observar que a propagação dos informativos das cooperativas vai além de suas áreas de abrangência, ampliando a territorialidade destes empreendimentos e reforçando o controle territorial exercido em suas áreas de atuação.

Mapa 1– Localização das estações de rádio com programas informativos das cooperativas da mesorregião Oeste do Paraná.



Fonte: SiteS das cooperativas e rádios; Anatel (2022); Org. Luz; E. L. Z. (2022).

Ao compararmos o mapa 1, que nos mostra a localização das estações de rádio, com a área de abrangência das cooperativas avicultoras da mesorregião Oeste, é possível constatar a correspondência estabelecida entre a localização das cooperativas e a localização das estações de rádio. Colocando de maneira mais clara, temos, por exemplo, no município de Palotina, que corresponde a área de atuação predominante da C.Vale, rádios que veiculam os informativos referentes à cooperativa local.

Mesmo que não façamos uma detalhada análise do discurso presente nos informativos replicados pelas rádios, é possível constatar que estas inserções diárias atingem não somente aos camponeses integrados às cooperativas, e sim toda a comunidade, e diante do serviço de

utilidade prestado (previsão do tempo, cotação da moeda, valor da saca etc.), contribuem para que estes empreendimentos se tornem parte do cotidiano das pessoas presentes na área de alcance das rádios.

Por meio das inserções diárias as cooperativas desenvolvem uma certa onipresença no espaço, onde cada uma delas trata de assuntos peculiares a suas áreas de atuação e conjuntamente estabelecem um oligopólio das informações prestadas. Os assuntos pautados carregam normas e informações sobre as tecnologias disponíveis, qual maquinário é melhor, que tipo de manejo deve ser realizado, os insumos que devem utilizar. Trazem sobretudo informações orientando como as pessoas presentes neste território dominado pelas cooperativas devem servir.

Ao mesmo tempo que os programas comunicam e orientam aos camponeses enquanto cooperados, os nega enquanto sujeitos políticos, enfatizam o “novo” ocultando-lhes a sua própria história. Difundem uma visão de mundo míope para as injustiças, desigualdades e a luta pela terra. Buscam formar colaboradores, que não se reconheçam como classe camponesa, mas como empresários do campo, parte integrante das cooperativas.

Os informativos diariamente trazem mensagens fracionárias de aparente utilidade pública, mas que ao juntar-se contribuem para a perpetuação do controle do território pelo capital, muitas das vezes tais mensagens são percebidas pelas lacunas deixadas e os silêncios presentes. No entanto em determinados períodos aparecem de maneira direta, deixando evidente a utilização dos programas de rádio como mecanismos de controle.

Exemplo disto foi o programa Rádio Lar Cooperativa, transmitido em 5 de outubro de 2022 em que o diretor Sr. Irineo da Costa Rodrigues pede votos ao candidato Jair Bolsonaro e afirma que a cooperativa corria risco caso Lula vencesse as eleições. Tal episódio tornou-se prova material do inquérito (n.º 000244.2022.09.006/7)¹⁰ instaurado pela Procuradoria do Trabalho no Município em Foz do Iguaçu comprovando a existência de pressão e coação configurando o assédio eleitoral.

Os programas de rádio que analisamos, juntamente aos demais projetos vistos, os grupos e comitês de cooperados que coíbem o pensamento crítico, o Cooperjovem aplicado dentro das escolas municipais da mesorregião, configuram-se enquanto instrumentos de controle do território pelo capital. Promovem ações que desenvolvem o sentimento de pertencimento dos

¹⁰ Disponível em https://www.prt9.mpt.mp.br/images/arquivos/materias/2022/10.24_Cooperativa_Lar.pdf. Acesso em 25 jan. 2023.

camponeses integrados para com as cooperativas em sua área de atuação, ao passo que incutem nestes sujeitos um paradigma empresarial ditado pelo mercado global e reproduzido localmente.

Vimos ao longo do trabalho como o avanço do capital sobre o campo recria e subordina relações não-capitalistas para sua reprodução, apresentamos vários mecanismos utilizados pelas empresas e cooperativas regionais visando a conquista e o controle hegemônico do espaço. Diante de tal cenário apresentado, cresce a importância de ressaltarmos a capacidade de resistência dos camponeses presentes em nossa área de estudo.

Recriação camponesa e resistência contraditória.

As famílias camponesas que visitamos e entrevistamos, não realizam enfrentamentos através de movimentos ou sindicatos, ainda sim, foram observadas diversas práticas inerentes a classe camponesa que revelam a resistência desses sujeitos, que mesmo sob o jugo do capital, recusam-se a ver a terra somente como mercadoria.

Ao realizarmos uma entrevista com um camponês do município de Matelândia/PR (área de abrangência da LAR), foi possível identificar diversos elementos comuns entre este e outro camponês de Marechal Cândido Rondon/PR. Ambos já com quase sessenta anos e ao menos trinta anos trabalhando com a avicultura, proprietários de estabelecimentos menores que 30 hectares, e os dois, mesmo não tendo concluído os estudos no Ensino Médio, possibilitaram aos filhos a formação superior.

Nota-se nesta breve comparação, que as características gerais destes camponeses avicultores são muito parecidas, o que muda então é o município de residência e a visão sobre a cooperativa LAR, enquanto o avicultor de Marechal Cândido Rondon compreende a LAR como uma “enorme”, “empresa grande”, para o avicultor de Matelândia, a LAR é uma “cooperativa local, a que melhor paga e valoriza os integrados” (S. G., Matelândia, 2022).

Este julgamento subjetivo é fruto das vivências do cotidiano, intensificado pelas ações de fortalecimento empreendidos pelas cooperativas, diante da presença diária através de programas de rádio, por meio dos grupos de cooperados ou ações dentro das escolas municipais, que fortalecem os laços e criam uma grande identificação um sentimento de pertencimento que se relaciona intimamente com o lugar e com os agentes de transformação locais.

Tal comparação torna-se pertinente pois no final de 2020, houve um processo de intercooperação entre a LAR (Medianeira-Pr) e a Copagril (Marechal Cândido Rondon-Pr), que em suma consistiu na aquisição, por parte da LAR, de todo setor avícola da Copagril. Em um futuro próximo, é muito provável que a visão dos camponeses entrevistados (ex-integrados da Copagril), em relação à LAR, também seja alterada. Diante das ações empreendidas pela cooperativa nesta nova área de atuação.

Uma segunda questão ainda em relação à entrevista do senhor E. H. de Marechal Candido Rondon, é a comparação da empresa LAR com o comunismo, e que na visão dele seria algo ruim, “você tem só um número, tem que fazer o que eles mandam”. Isso corrobora com o entendimento de que acima dos processos de formação ideológica encabeçados pelas cooperativas a níveis locais e regionais, estes camponeses estão submetidos a um amplo processo de formação ideológica que muito se liga aos interesses políticos e econômicos dos empresários que possuem o controle hegemônico da indústria agropecuária.

Podemos compreender isso ao vermos como era o pensamento e atuação do político e empresário Atílio Fontana, um dos fundadores da empresa Sadia. Amador (2010) revela que a gestão do então vereador Atílio como presidente da câmara municipal de Concórdia/SC em 1948, ficou marcada pela cassação dos parlamentares eleitos pelo partido comunista, e já em 1964, enquanto senador, dizia temer a implantação do comunismo por João Goulart, e deu graças a Deus pela “revolução” de 1964 ter impedido isso.

Este exemplo nos dá uma amostra de como o pensamento de um dos empresários que contribuíram para a definição da política econômica brasileira é reproduzido pelos sujeitos que produziram a riqueza acumulada por estes empresários. Ou seja, os mecanismos que os vinculam economicamente também conta com um aparato ideológico.

Para além do pensamento hegemônico ou falta de consciência política nestes camponeses avicultores, isto nos leva a uma outra questão, que é a ambiguidade da condição camponesa em que ao mesmo tempo que é trabalhadora, também é proprietária dos meios de produção. Sobre isso, Paulino e Almeida (2010) afirmam que:

[...] nosso entendimento desta situação de ambiguidade que marca a trajetória camponesa: por um lado, luta por valores considerados conservadores ligados à reprodução de sua condição de proprietário de terra; por outro, luta contra as diversas formas de drenagem da renda fundiária, que ocorre na circulação dos produtos do seu trabalho e contra a ameaça de expropriação (PAULINO; ALMEIDA, 2010, p. 27).

Ainda conforme as autoras, a classe camponesa tem uma existência social marcada pela radicalidade e pelo conservadorismo. Indicações desses valores conservadores podem ser percebidos diante da participação destes camponeses avicultores no Sindicato Rural Patronal, e mostras desta consciência trabalhadora são dadas em posicionamentos que protestam contra o modo que as cooperativas estão organizadas.

Como evidenciado na fala do camponês entrevistado: “antes tinha um cooperativismo, hoje é tipo empresa, só que pra eles, as integradoras, não interessa se o cara tá com uma dívida de um milhão ou dois, interessa que o cara está produzindo frangos pra eles” (G. L., MARECHAL C. RONDON, 2021).

Outro exemplo é quando questionados sobre a participação nas assembleias promovidas pela cooperativa Copagril, a resposta nos sugere que estes sujeitos estão atentos aos diferentes interesses que coexistem nestas instituições.

As cooperativas aquilo hoje é uma coisa bem dirigida, bem vamos dizer assim... Não é uma coisa discutida, é uma coisa que a diretoria planeja lá e daí fala pros associados. Fala, fala, fala... Pergunta você tem muito pouco pra fazer, depende das perguntas que você faz nem gostam, você acaba meio sendo marcado. Então eu já nem vou, se é pra ir lá escutar o blá, blá, blá dos dirigentes eu nem vou (E. H., MARECHAL C. RONDON, 2021).

Vejamos que essa condição ambígua, em certos momentos, os situa ao lado do empresariado, reproduzindo o discurso da elite agrária e agindo de modo conservador, defendendo a propriedade privada, mas é também esta condição ambígua que os permite resistir enquanto classe social, buscando alternativas para a sua reprodução social e resistindo através do trabalho familiar.

Esta condição ambígua que em certos momentos revela-se contestadora e, em outros, de posicionamentos conservadores, também é possível ser verificada nas instituições representativas de classe, como por exemplo a Associação dos Avicultores do Oeste do Paraná (Aaviopar). Essa entidade, fundada em 2007 em Toledo-PR, e que desde o início de sua formação mantém fortes ligações com os setores patronais (HECK, 2017). Ainda que Aaviopar tenha sido gestada dentro do Sindicato Patronal Rural de Toledo, ela apresentou reivindicações junto a empresa BRF, que do ponto de vista dos camponeses, contribuíram para os pequenos avicultores. Tal pleito, lembrado na entrevista de E. F., era de que para a empresa integradora intermediar o financiamento dos aviários junto aos bancos, haveria de comprovar a residência na propriedade e já trabalharem com avicultura.

Aquela vez ficou inviável né, então o pessoal falou: pera lá! Vamos fazer o seguinte: vamos dar chance aos pequeninho, vocês esqueceram que quem começou lá a 30 anos atrás foram os pequeninhos, né? Tanto é que está no nome do meu irmão isso ali, né? [Isso foi a associação que reivindicou?] Sim, a Aaviopar. Falaram assim: vamos dar preferência pra quem já tenha. Mas aí quando fizemos eu ficava mais na lavoura e aí falei pro meu irmão faz lá, já está na cidade fica mais fácil pra correr atrás das coisas. Fizemos, mas aí o pai teve que fazer uma cartinha dizendo que nós trabalhávamos junto na propriedade, se não o banco... não dava certo. Esse nosso aqui é a BRF é avalista, é o último modal que era um projeto deles, nós demos terra igual de garantia, mas a BRF intermediou (E. F., MARECHAL C. RONDON, 2021).

Tal reivindicação relatada pelo entrevistado indica ser uma pauta da Aaviopar. No dia 2 de outubro de 2021 em entrevista realizada pela Rádio Integração de Toledo-PR, o presidente desta associação demonstrou preocupações com as grandes expansões que trazem os modelos modais (vários aviários em uma mesma propriedade), de acordo com ele “[...] esses modelos de grandes produções, de volumes, eles acabam muitas vezes não oportunizando pro pequeno produtor, são investidores, grandes investidores que estão na atividade” (COPINI, n.p. 2021).

Para além disso, Copini (2021), assim como já feito pelos nossos entrevistados, retratou a atual conjuntura da atividade avícola através do exemplo a seguir:

Nós temos modais, onde você conhece no Norte do Paraná, onde o dono sequer conhece a granja dele. Ele está lá em São Paulo, né? [Comentário do radialista: é a realidade do Agro hoje] Exatamente, então lá tem vinte, trinta, quarenta aviários e o cara gerencia pelo computador lá em São Paulo, né? E a gente fala assim, quantas propriedades poderiam estar inseridas nesse contexto, né? Então, nós como associação, nós como produtores, nós como apaixonados pela atividade, nós queremos... A avicultura nasceu da pequena e média propriedade e aí evoluiu para grandes propriedades e grandes investidores, então isso nos preocupa. Somente quem pode resgatar isso são as cooperativas (COPINI, 2021, n.p. grifo nosso).

Este panorama trazido demonstra a diversidade de sujeitos presentes na avicultura, pequenos produtores com trabalho familiar que vislumbram na atividade uma maneira de permanecer na terra, tendo que competir com grandes investidores que visam apenas o lucro da atividade. No trecho em destaque, temos o questionamento sobre a quantidade de camponeses que perdem a oportunidade de trabalho devido à implantação de modais como o citado, isso sinaliza uma atenção quanto a parte social da atividade avícola, mas também é uma fala complexa, sobretudo se analisarmos o contexto em que foi dita. Na ocasião, o presidente da Aaviopar estava acompanhado de um responsável técnico da Cooperativa Primato, justamente para divulgar que esta Cooperativa irá iniciar as atividades com frango integrado. Ao final da

fala, Copini afirma que somente as cooperativas podem resgatar essa essência da atividade avícola que oportuniza a participação de pequenos produtores. Ou seja, apesar de em primeiro momento o presidente da Aaviopar sinalizar a defesa dos pequenos avicultores, no fundo ele estava divulgando os interesses da Cooperativa Primato que, assim como as demais tratadas anteriormente, também se trata de uma cooperativa empresarial.

O intrigante dessa entrevista é que na continuidade da conversa o responsável técnico da Primato comenta que em muitos casos, o manejo, a presença do produtor, e a dedicação, superam a tecnologia defasada. Um discurso que pode ser compreendido como anti-mercado, que em primeiro lugar visa defender os interesses dos sujeitos que não teriam condições de arcar com altos investimentos. No entanto, quem faz a fala é um representante de uma das Cooperativas empresariais do oeste do paraná, e ainda que possuam uma rela o mais próxima com os avicultores integrados ela também visa extrair a renda camponesa. E neste caso o que pode ler nas entrelinhas   que o “manejo, presença e dedica o”, que sempre fizeram parte do trabalho familiar camponês, continuam presentes, no entanto o que muda   apropria o dos resultados deste trabalho que passa ser feita pelo capital.

Disto conseguimos exemplificar de que maneira o capitalismo se alicerça na subtra o da renda camponesa. Verificando mais uma vez como a essência do capitalismo no Brasil está nas rela es não-capitalistas e neste interstício   que se d  a permanência e recria o camponesa no território através da avicultura integrada, pois uma vez as empresas e cooperativas tendo o controle do espaço, inclusive com os sindicatos e associa es de classe sob o seu jugo, passam a ser alternativa que resta ao campesinato e convém ao capital que   a explora o do trabalho familiar e extra o da renda camponesa. Deste modo se encontra a classe camponesa vinculada a avicultura na mesorregião oeste paranaense, numa condi o de subordina o, mas também de resistência.

Uma resistência silenciosa, expressa em pequenos atos do cotidiano baseados em rela es de amizade, parentesco, vizinhança, revelando que embora dominados e subordinados ao capital industrial, ainda preservam praticas camponesas não mediados pelo capital. Práticas também do interesse das cooperativas, pois assim   possível maximizar os lucros. Mas acima de tudo são a es que revelam certo poder de decisão, uma relativa autonomia presente nesses sujeitos, que afronta não acatar as novas práticas de manejo impostas, que ultraje pensar e decidir encerrar as atividades.

Considerações finais

A realização da presente pesquisa, nos aproximou dos sujeitos que sustentam a produção agropecuária da mesorregião Oeste do Paraná, sendo possível deste modo compreender como se dá a relação entre o campesinato e as indústrias avícolas, entendendo de que maneira a subordinação ao capital pode também se tornar estratégico para a classe camponesa.

O camponês avicultor que estudamos neste trabalho exemplifica uma das formas de resistência contraditória, pois apesar de ser uma relação não tipicamente capitalista, ela é recriada pelo capital, fruto das contradições deste modo de produção que se reproduz ante a exploração de relações não-capitalistas.

Os resultados do trabalho ajudam a compreender de que maneira o avanço do capital sobre a terra determina os movimentos do camponês no espaço. Sendo a disputa e controle deste espaço a questão central do trabalho, assim investigamos alguns dos mecanismos utilizados pelas cooperativas da mesorregião Oeste paranaense para a manutenção deste domínio territorial. Enquanto instrumentos de controle e formação ideológica aparecem os grupos e comitês organizados pelas cooperativas que sob o escopo de desenvolver os valores cooperativistas, enraízam normas de conduta e padrões de comportamento em seus cooperados. Outro mecanismo de formação ideológica que se soma a este, ocorre por meio do rádio que através de informativos diários veiculados, indo além da publicidade comum, contribuem para o desenvolvimento da identificação com a cooperativa, estimulam um sentimento de pertencimento das cooperativas com seus respectivos espaços de atuação.

Agindo de modo conjunto a estes instrumentos de controle, analisamos os projetos educacionais desenvolvidos pelas cooperativas que levam para dentro das escolas municipais materiais “pedagógicos” que vão na contramão de uma educação libertadora, introduzem nas crianças ideologias voltadas ao agronegócio, ditadas pela lógica do mercado e que busca invisibilizar os sujeitos, as lutas e a desigualdade estrutural presente no espaço agrário.

Se a construção e a sustentação do território se dão por uma relação de poder, os projetos como o Cooperjovem desenvolvido pelas cooperativas são a expressão deste poder-conhecimento, citamos no trabalho outros exemplos como o Agrinho, sendo ações que transcendem a escala local articulam-se nacionalmente e compõem a ofensiva do agronegócio sobre a educação. No conjunto destas ações é que se estabelece a monopolização e o controle do território pelo capital, por meio do processo de formação ideológica que ocorre em que a realidade vivida passa a ser vista sob a ótica da classe dominante, fortalecendo uma aparência

social que mascara o conflito de classes existente, dissemina a lógica mercadológica, esconde a precarização do trabalho, as desigualdades sociais e a mercantilização da natureza.

A monopolização do território pelo capital extrapola as esferas da produção, atinge não somente espaços vinculados a infraestrutura, mas também na produção das ideias, nos espaços de socialização, nos assuntos do cotidiano através dos mecanismos de controle ideológico.

Referências

ANATEL. **Consulta Estações por Localidade**. – Sistemas Interativos. Disponível em <https://sistemas.anatel.gov.br/easp/Novo/Consulta/Tela.asp?OP=E&SISQSmodulo=16587>. Acesso em: 03 maio 2022.

AMADOR, M. C. P. **A colonização da pequena propriedade familiar pelo descendente de imigrante e o desenvolvimento socioeconômico de Concórdia (1920 a 1960)**. São Leopoldo, UNISINOS, 2010.

ALENTEJANO, P.; *et al.* **A dupla ofensiva do agronegócio sobre a educação: fechamento de escolas e disputa político-ideológica**. - Terra Livre, São Paulo, V. 1, nº 57, 2021. p. 433-470.

BRF. **Relatório Integrado 2020**. Toledo – PR. MagentaLab, 2021, 195p.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008, 119p.

CHÃ, A. M. **Agronegócio e indústria cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

COPACOL. **Relatório do conselho de administração 2020**. Cafelândia - PR, 2021, 70p.

COPINI, E. C. [Entrevista 2 out 2021]. Entrevistador: Paulo Gaspar. In: Facebook. Vídeo (ca. 37min) Entrevista concedida ao Programa Rádio Integração. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3358433104281793. Acesso em: 4 dez. 2021.

COPAGRIL. **Copagril e prefeitura reafirmam parceria do Programa Cooperjovem**. [S. l. s. d.]. Disponível em: <https://www.copagril.com.br/noticia/1420>. Acesso em: 2 set. 2021.

COPAGRIL. **Comitês de Jovens são premiados no concurso de Projetos Agrícolas**. [S. l. s. d.]. Disponível em: <https://copagril.com.br/noticia/1557/comites-de-jovens-sao-premiados-no-concurso-de-projetos-agricolas>. Acesso em: 2 set. 2021.

C-VALE. **Regimento Interno**. Palotina – PR, 2015, 11p.

FABRINI, J. E.; PAULINO, E. T. (Org). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FERNANDES, B. M. Entrando nos territórios do Território. *In*: FABRINI, J. E.; PAULINO, E. T. (Org). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FONTANA, A. **História da Minha Vida**. Rio de Janeiro: Vozes, Petrópolis, 1980, 278 p.

IAP - Instituto Ambiental do Paraná. **SGA - Consulta de Processo de Licenciamento**. Disponível em: <http://www.sga.pr.gov.br/sga-iap/consultarProcessoLicenciamento.do?action=iniciar>. Acesso em: 2 set. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/resultados-censo-agro-2017.html>. Acesso em: 8 set. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa da Pecuária Municipal 2020**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm/quadros/brasil/2020>. Acesso em: 10 set. 2021.

LAR. **Relatório e Balanço 2020**. Medianeira - PR. Gráfica Midiograf, 2021, 60p.

LUZ, E. L. Z. da. **Ideologia e controle territorial: campesinato, avicultura de corte e as disputas no espaço agrário do Oeste paranaense**. 2023. 111 f.. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2023.

MIZUSAKI, M. Y. **Território e reestruturação produtiva na avicultura**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

MPT – Ministério Público do Trabalho no Paraná. **Liminar obtida pelo MPT-PR obriga Cooperativa Agroindustrial Lar a publicar carta de esclarecimento e respeitar exigências para coibir assédio eleitoral**. Disponível em <https://www.prt9.mpt.mp.br/informe-se/noticias-do-mpt-pr/48-noticias-ptm-foz-do-iguacu/1867-ministerio-publico-do-trabalho-em-foz-do-iguacu-propoe-acao-contra-a-cooperativa-agroindustrial-lar-por-assedio-eleitoral>. Acesso em 25 jan 2023.

OLIVEIRA, A. U. de. **Modo De Produção Capitalista, Agricultura E Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007, 184p.

PAULINO, E. T.; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida. **Terra e território: a questão camponesa no capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ROOS, D. **Contradições na construção dos territórios camponeses no centro-sul paranaense: territorialidades do agronegócio, subordinação e resistências**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente – São Paulo, 2015.

Artigo recebido em 19-10-2023
Artigo aceito para publicação em 29-03-2024